Rio Grande do Sul
ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
AHIMTB/RS

INFORMATIVO
O TUIUTI

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

510 anos da descoberta da Ilha de São Francisco e do Rio da Prata por Juan Dias de Solis. 490 anos do início do 2º Ciclo econômico no Brasil, o do Açúcar. 480 anos da fundação de Santos, por Brás Cubas. 460 anos da fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro. 410 anos da expulsão dos franceses do MA pelos luso-brasileiros. 400 anos da chegada a Salvador da esquadra de Dom Fadrique de Toledo Osório (Jornada dos Vassalos) e expulsão dos holandeses. 390 anos da perda do Arraial do Bom Jesus para os holandeses. Prisão de Domingos Fernandes Calabar e execução pelo Conselho de Guerra em Porto Calvo, acusado de alta traição em favor dos holandeses. 380 anos do início da Insurreição Pernambucana contra os holandeses e do Compromisso Imortal. Elevação do Brasil a Principado. 330 anos do início do Ciclo do Ouro. Morte de Zumbi dos Palmares. Destruição do quilombo de Palmares. 310 anos do II Tratado de Utrecht e devolução da Colônia do Sacramento a Portugal. 290 anos da Guerra Luso-Espanhola (até 1737) e da assunção do governo do Rio de Janeiro pelo Brigadeiro José da Silva Pais. 270 anos da criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão e criação da Capitania do Rio Negro. 260 anos do início da Derrama em Minas Gerais. 210 anos da elevação do Brasil à categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves. 200 anos do reconhecimento da independência do Brasil por Portugal. Início da Guerra da Cisplatina. Nascimento de Dom Pedro II. 190 anos do início da Revolução Farroupilha. 180 anos do fim da Guerra dos Farrapos. 160 anos da Tomada de Corumbá pelo Paraguai. Declaração de guerra do Paraguai à Argentina e invasão de Corrientes. Tratado da Tríplice Aliança. Fim da Questão Christie. 150 anos do Regulamento Disciplinar do Exército. 130 anos do fim da Revolta Federalista no RS. 90 anos da Lei de Segurança Nacional e da vitória contra a Intentona Comunista. 80 anos das grandes conquistas da FEB na Itália e fim da 2ª GM. 70 anos da crise institucional de 1955. 60 anos do AI2. 30 anos da UNAVEM.

2025 **Abril** **Nº 477**

O PACTO DE MUNIQUE DE 1938 E O AVANÇO ALEMÃO

Luiz Ernani Caminha Giorgis(*)

”*A humanidade tem de acabar com a guerra antes que a guerra acabe com a Humanidade”.*
John Fitzgerald Kennedy

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho visa abordar, ainda que de forma abreviada, as condicionantes da Conferência de Munique, realizada entre 29 e 30 de setembro de 1938 entre a Grã-Bretanha e França de um lado e a Alemanha e Itália do outro lado.

Os protagonistas principais da Conferência foram Adolf Hitler – Chanceler do III Reich (*Reichskanzler*) alemão, e Arthur Neville Chamberlain, Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha, pertencente ao Partido Conservador.

Os objetivos da Conferência foram estabelecidos através da assinatura, mas não do cumprimento, do ato que se seguiu à Conferência – o Pacto de Munique, para eliminar a possibilidade da iminente guerra na Europa, objetivo principal do encontro.

OS PRINCIPAIS PROTAGONISTAS

Arthur Neville Chamberlain (1869-1940) (ao lado) era Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha em setembro de 1938, quando aconteceu a Conferência de Munique que deu, por sua vez, origem ao Acordo de Munique (ou Pacto), celebrado entre ele (Chamberlain), e Adolf Hitler. Sir Neville havia sucedido o também conservador Stanley Baldwin como primeiro-ministro em 28 de maio de 1937.

O seu mandato foi dominado pela questão da política em relação a uma Alemanha cada vez mais agressiva. Lord Chamberlain pretendia apaziguar Hitler e evitar a guerra na Europa. Para isso, era necessário separar a Itália de sua grande aliada, a Alemanha hitleriana. Não conseguiu nem uma coisa nem outra. Mas tentou.

Os demais participantes foram Édouard Daladier (1884-1970), Primeiro-Ministro da França e Benito Amilcare Andrea Mussolini (1883 -1945), Primeiro-Ministro e Primeiro Marechal do Império Italiano.

****

Adolf Hitler (1889-1945) era o Chanceler da Alemanha desde 30 de janeiro de 1933, tendo sucedido Kurt von Schleicher, ainda sob a presidência de Paul von Hindenburg. Quando este faleceu, em 1934, Hitler assumiu plenos poderes e tornou-se Führer[1] (2 de agosto de 1934 a 30 de abril de 1945).

Hitler era austríaco. Manteve esta nacionalidade até 1925. A partir daí foi apátrida (1925-1932), e alemão (a partir de 1932). Residindo em Munique foi alcançado pela Grande Guerra de 1914/18. Ilegalmente, alistou-se no Exército da Baviera, lutou pela Alemanha, foi ferido e recebeu honrarias. Esteve presente nas batalhas de Yprés, do Somme (onde foi ferido), de Arras e em Passchendaele. Esteve hospitalizado por duas vezes. Foi licenciado do Exército Alemão na graduação de Cabo.

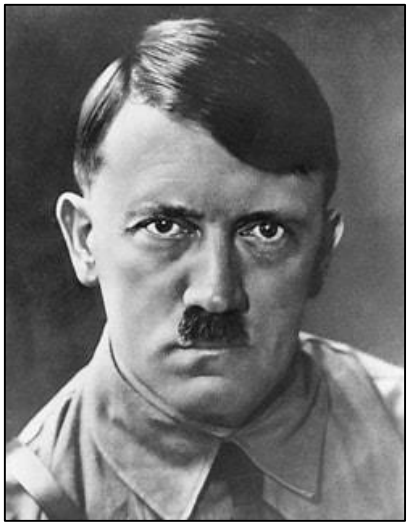
Em Munique, após a guerra, voltou a estar ligado ao Exército, exercendo uma atividade de inteligência, supostamente para influenciar outros militares à infiltração no Partido Alemão dos Trabalhadores (em alemão DAP - Deutsche Arbeiterpartei).

Foi nesta situação que ele foi atraído pelo fundador do DAP, Anton Drexler, o qual já era conhecido por sua retórica antissemita, nacionalista, anticapitalista e antimarxista. No DAP, Hitler conheceu Dietrich Eckart, um dos fundadores do partido e membro da Sociedade Thule[2], uma sociedade oculta. Hitler foi dispensado do exército em 31 de março de 1920 e começou a trabalhar em tempo integral no Partido Nazista (NSDAP)[3], oriundo do DAP.

[1] Condutor, guia, líder ou chefe.

[2] A Sociedade Thule (em alemão: *Thule-Gesellschaft*), originalmente *Studiengruppe für germanisches Altertum* foi uma sociedade secreta ocultista e völkisch de Munique, fundado por Adam Alfred Rudolf Glauer. Não há provas de que Hitler era integrante.

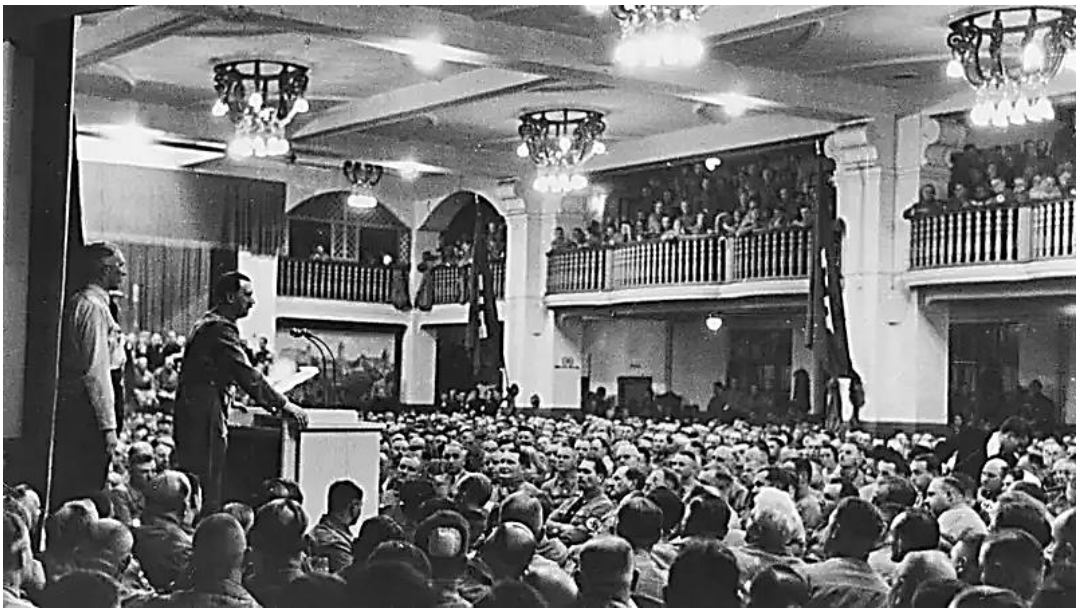
[3] Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei), foi um partido político de extrema-direita que teve sua origem no DAP. De National Sozialistische surgiu "Nazista".



Em 8 de novembro de 1923 ocorreu o famoso Putsch da Cervejaria de Munique[4]. Alguns dos participantes eram Rudolf Hess, Hermann Göring e Ernst Röhm. Hitler ficou preso de 11 de novembro de 1923 a 20 de dezembro de 1924, ou seja, pouco mais de um ano. Na prisão, escreveu o livro Mein Kampf (Minha Luta), ainda um dos livros mais lidos do mundo. Em 25 de fevereiro de 1932 ele obteve finalmente a cidadania alemã. Neste mesmo ano concorreu à Presidência contra Paul von Hindenburg e obteve um honroso segundo lugar. Sua ascensão estava em pleno curso. Em 30 de janeiro de 1933, foi indicado por Hindenburg para Chanceler do Reich. Em 2 de agosto de 1934 faleceu von Hindenburg. Com isso, Herr Adolf Hitler (ao lado) tornou-se tanto chefe de estado quanto de governo, sendo formalmente chamado agora de *Führer und Reichskanzler*.

A partir daí Hitler iniciou um ambicioso programa de rearmamento da Alemanha e de treinamento militar, tudo contra as imposições do Tratado de Versalhes. Em poucos anos a Alemanha se tornou uma potência militar.

Um dos principais objetivos do governo alemão era o obter o *Lebensraum* – o espaço vital. Em outras palavras: expansionismo.



Acima, Hitler discursando na Cervejaria Bürgerbräukeller, Munique (Fonte: BBC)

AS CONQUISTAS TERRITORIAIS DA ALEMANHA HITLERISTA

Em janeiro de 1935 foi anexado o Sarre (Saarland), região industrializada a sudoeste da Alemanha, região então administrada pela Liga das Nações.

Em março de 1936 foi remilitarizada a Renânia, região alemã a oeste do país, desmilitarizada por força do Tratado de Versalhes, flagrantemente desrespeitado por Hitler.

Em 11 de março de 1938 foi anexada a Áustria (Anschluss), a sudeste, um ganho de 83,8 mil Km².

O próximo passo foi a anexação da Região dos Sudetos, uma área pertencente à Tchecoeslováquia, país autônomo e soberano.

Mas para anexar esta penúltima[5] região Hitler precisava da concordância das demais potências europeias, supostamente para evitar uma nova guerra na Europa.

E então aconteceu a Conferência de Munique, tema deste trabalho.

[4] Tentativa desastrosa de golpe de Adolf Hitler e do Partido Nazista contra o governo da região alemã da Baviera. O objetivo era tomar o poder do governo bávaro. Hitler esperava pressionar os líderes reunidos na cervejaria a ceder aos próprios desejos golpistas que eles mesmo nutriam. Quando o grupo se afastou da Cervejaria houve um enfrentamento com a polícia. Hitler, e outros, foram presos.

[5] Imediatamente após a anexação dos Sudetos, Hitler ainda anexou a região da Boemia-Morávia (16 de março de 1939).

Mas, por quê Herr Adolf precisava da concordância das nações europeias para ocupar os Sudetos? E, ainda, quem convocou aquela Conferência? Quem foi convidado a dela participar?

A CONFERÊNCIA – Antecedentes

A seguir, transcrevendo e usando os subsídios de Tim Bouverie[6] e de William Lawrence Shirer[7], estabeleceremos uma linha do tempo, buscando a objetividade.

> A República da Tchecoslováquia foi criada pelos tratados de paz firmados depois da Primeira Guerra Mundial[8]. Os seus fundadores fizeram dela o Estado mais democrático, mais aberto ao progresso e mais próspero de toda a Europa Central. Mas, pelo fato de ser composta por vários grupos nacionais, a Tchecoslováquia encontrava-se com um problema de ordem interna: o das minorias.
>
> No país viviam um milhão de húngaros, 500.000 rutenos e 3.250.000 alemães dos Sudetos. Estas populações gostavam de suas pátrias, a Hungria, a Rússia e a Alemanha. Estas minorias desejavam autonomia. Os eslovacos eram a quarta parte dos dez milhões de cidadãos tchecoslovacos. Sob o ponto de vista racial e linguístico tinham laços estreitos com os tchecos; mas evoluíram de maneira diferente por terem estado, durante séculos, sob o domínio húngaro. Gozavam de todos os direitos democráticos e cívicos, incluindo o direito de voto, e conservaram as suas escolas e instituições culturais próprias. Os seus chefes políticos ocupavam postos de ministros no governo central. No entanto, os tchecos pareciam empregar meios discutíveis para solucionar o problema das minorias. Mostravam um patriotismo fanático e desprovido de tato.
>
> A oposição considerava, sobretudo, que o governo não cumprira as promessas feitas por Jan Masaryk e Edvard Benes, os verdadeiros criadores do Estado tchecoslovaco em 1919. Até à chegada de Hitler, não existia nenhum movimento político sério para formular reivindicações. Os votos dos sudetos iam para os sociaisdemocratas e (para) os outros partidos democráticos.
>
> Mas, em 1933, o vírus do nacionalismo infiltrou-se nos alemães desta região: surgiu o Partido Alemão dos Sudetos, obedecendo à instigação de um professor - Konrad Henlein. Quando aconteceu o Anschluss, o partido de Henlein estava preparado para cumprir as ordens de Hitler. Em entrevista com este, quinze dias depois da anexação da Áustria, Henlei recebeu diretrizes. Ele próprio resumiu assim a ideia de Hitler: "Teremos de formular constantemente pedidos tão exorbitantes que não possam nunca ser atendidos".
>
> **Deste modo, a situação da minoria alemã na Tchecoslováquia foi apenas um pretexto para Hitler, como deveria sê-lo, um ano mais tarde, a de Dantzig em relação à Polônia** – (ou seja) preparar um golpe, à traição, num país que (Hitler) cobiçava e assim disfarçar seus verdadeiros desígnios. **A região dos Sudetos era claramente separatista.**
>
> O plano nazista era destruir o Estado tchecoslovaco e apoderar-se tanto do seu território como dos seus habitantes, em benefício do Terceiro Reich. Os dirigentes franceses e ingleses não compreenderam essa situação. O primeiro-ministro Chamberlain e o presidente do Conselho francês, Daladier, acreditaram - como a imensa maioria dos ocidentais, que Hitler apenas desejava obter justiça para os seus compatriotas da Tchecoslováquia. Não era somente isso (Bouveri; Shirer).

A partir de 20 de maio de 1938, desenrolaram-se acontecimentos muito graves: foi a chamada Crise de Maio. Nas 48 horas seguintes, os governos de Londres, Paris, Praga e Moscou foram tomados de pânico, pensando que a Europa estava mais perto da guerra do que nunca estivera desde julho de 1914. Não se soube se as autoridades chegaram a conhecer os novos e secretíssimos planos de ataque alemão contra a Tchecoslováquia. Acreditava-se, pelo menos em Praga e em Londres, que Hitler se dispunha a lançar o seu ataque. Ainda não estava na hora.

Os tchecos começaram a se mobilizar, enquanto a Grã-Bretanha, França e Rússia, em presença de uma iminente ameaça alemã, davam aparentes provas de uma firmeza e de uma união que não voltaram a manifestar até o dia em que uma nova guerra mundial esteve prestes a destruí-las.

Em 20 de maio, o General Wilhelm Keitel, comandante supremo das Forças Armadas alemãs, enviou a Hitler, que se encontrava em Obersalzberg, uma nova versão do “Caso Verde”, nome de código do projeto de agressão em que tinha trabalhado, com o seu Estado-Maior, desde que o Führer havia traçado as suas linhas gerais. Segundo Keitel, a operação militar devia obter em quatro dias um tal êxito que "demonstraria aos Estados inimigos, no caso de estes sentirem a tentação de intervir, ser a situação dos tchecos desesperada [...]".

---

[6] BOUVERIE, Tim. Negociando com Hitler: a desastrosa diplomacia que levou à guerra. São Paulo: Planeta, 2020.

[7] SHIRER, William L. O encontro de Munique. In: Grande crônica da Segunda Guerra Mundial, Seleções do Reader’s Digest, Rio de Janeiro, Editora Ypiranga, 1969, p. 29/53.

[8] Criada pelo desmembramento do Império Austro-Húngaro e dividido em duas regiões: Boêmia e Morávia/Silésia e a Eslováquia. Desde 1932, o nazismo granjeou grande simpatia entre os sudetos da Boêmia e Morávia. Os judeus foram deslocados.

Estes Estados eram a Hungria e a Polônia, e o plano contava com a sua intervenção. Mas, era de se esperar que a Rússia tentaria prestar auxílio militar à Tchecoeslováquia. Isto não aconteceu.

Em 20 de maio, os tchecos se decidiram por uma mobilização parcial. O governo não estava disposto a ceder sem luta. Quando soube, Hitler ficou furioso. Para ele, isso era uma provocação.

Os embaixadores britânico e francês preveniram a Alemanha de que uma agressão à Tchecoeslováquia desencadearia a guerra. Os alemães ficaram, então, sob pressão diplomática. A França interviria mas, em relação à Grã-Bretanha, isso era incerto.

Se esta, a Grã-Bretanha, tivesse deixado claro que interviria, Hitler não iniciaria a guerra. Mas os ingleses já estavam indecisos. E assim continuaram. Este foi o erro fatal de Sir Arthur Neville. O pacifismo dele foi negativamente decisivo.

Em 23 de maio, Hitler anunciou que não tinha nenhuma intenção agressiva contra a Tchecoeslováquia. Estava ganhando tempo, claramente. Parecia que a crise tinha acabado. Ledo engano. E então a Grã-Bretanha acabou por aprovar a destinação dos Sudetos para a Alemanha.

Em 3 de agosto, o Ministro do Exterior alemão Joachim von Ribbentrop anunciou às legações alemãs que não havia motivo para nenhuma intervenção inglesa, francesa ou soviética a favor da Tchecoeslováquia.

Mas no OKW (Oberkommando der Wehrmacht) a conduta era outra: a preparação para invadir a Tchecoeslováquia em 1º de outubro.

Em 7 de setembro, o pró-nazista sudeto Konrad Henlei rompeu as negociações com o governo tcheco o que foi, na prática, uma declaração de independência e uma abertura de portas para o avanço alemão.

Em 12 de setembro, Hitler discursou em Nuremberg. Atacou verbalmente a Tchecoeslováquia, mas não chegou nem perto de uma declaração de guerra. Soube esperar.

Enquanto isso, Grã-Bretanha e França progrediam no sentido de formalizar a cessão dos Sudetos para a Alemanha (como se Hitler precisasse disto) para evitar a guerra.

Em 13 de setembro, Chamberlain solicitou a Hitler ser recebido por este para tratarem da grave situação. Em 15 de setembro, em Berchtesgaden, aconteceu o encontro. O primeiro-ministro inglês, então já com 79 anos, dispôs-se a viajar sete longas horas de avião para isso. De qualquer forma era humilhante. Chamberlain confirmou que concordava com a cessão dos Sudetos mas precisava da aprovação da França. Antes de sair, obteve de Hitler a promessa deste de não empreender nenhuma ação militar sem novo encontro.

Em 18 de setembro, em Londres, os plenipotenciários ingleses e franceses concordaram na cessão e decidiram pressionar a Tchecoeslováquia para concordar com tudo isso para evitar a guerra.

No dia seguinte esta proposta foi apresentada aos tchecos. A rejeição foi imediata. E então a ameaça anglo-francesa: se os tchecos não concordassem passariam a não contar mais com as ajudas da França e da Grã-Bretanha. Na prática, os plenipotenciários se dobraram ao ditador alemão.

No mesmo dia, sentindo-se traído, o governo tcheco concordou com tudo. O presidente Edvard Benes declarou: “Fomos covardemente traídos”. Tinha total razão. Aqui está um fator importante, que foi uma das causas imediatas da 2ª Guerra Mundial[9].

Em 22/23 de setembro, em Godesberg, houve nova entrevista de Arthur Chamberlain com Hitler. Conforme William Shirer, nos dias anteriores a esta reunião, Hitler mostrava-se extremamente nervoso: “por mais de uma vez tinha perdido o domínio sobre si mesmo” (Shirer, 1969, p. 40).

O primeiro-ministro inglês informou a Hitler que a “cessão” estava autorizada, sem plebiscito, **mas não a ocupação militar.** Hitler não aceitou, e Sir Neville lhe pediu que apresentasse suas exigências por escrito e acompanhadas de mapas. Às 2230 h do mesmo dia estas exigências foram apresentadas. Entre elas, a de que os tchecos deviam sair do território sudeto a partir de 25 de setembro (dois dias depois). Era um ultimato. Durante o encontro, chegou um telegrama dizendo o seguinte: **“Benes acaba de anunciar pelo rádio a mobilização geral na Tchecoeslováquia”.** Era tudo que o ditador alemão precisava ouvir.

Com isso, surgiu uma discussão, bate-boca mesmo, entre Chamberlain e Hitler. Este, dizia que os tchecos haviam sido os primeiros a se mobilizar. O inglês sustentava o contrário, ou seja, que havia sido a Alemanha. Ouvidas as autoridades tchecas elas se manifestaram totalmente contrárias às disposições acertadas em Godesberg. Hitler perdeu a paciência e declarou todo o seu viés racista dizendo:

[9] As causas remotas da II GM existem desde as guerras napoleônicas do século XIX, mas também, e relevantes, as prescrições do Tratado de Versalhes após a I GM.

“Os alemães são tratados como negros! No dia 1º de outubro farei da Tchecoeslováquia o que me apeteça. Se a França e a Inglaterra resolverem atacar, é lá com elas. Não me importo com isso” (Idem, p. 42).

Pronto, estava tomada a decisão. Nem era mais necessária a Conferência de Munique. Mas ela aconteceu. Hitler ainda declarou: “Não queremos ter tchecos entre nós” (Idem). Pura xenofobia.

Em 24 de setembro, Hitler expediu a ordem para o Exército avançar para a fronteira tcheca. E chegaram notícias de Paris dando conta de que a França tinha ordenado a mobilização. Isto preocupou Hitler.

Nesta altura, o presidente dos EUA Franklin Delano Roosevelt solicitou uma conferência imediata de “todas as nações diretamente interessadas e deu a entender que, se a guerra eclodisse, o mundo inteiro consideraria Hitler responsável por ela” (Shirer, 1969, p. 44). Aparentemente, este posicionamento do presidente norte-americano não surtiu efeito nenhum.

Em 25 de setembro, os líderes franceses atravessaram o Canal da Mancha para buscar em Londres as últimas informações sobre a grave questão (abaixo; no centro e à direita Daladier e o General Gamelin).

E os tchecos? Informaram eles que a sua mobilização chegou a um milhão de homens e que o exército dispunha de mais 800 mil. Era uma força considerável. Unidos, Tchecoeslováquia e França, a proporção dos efetivos em relação à Alemanha era de dois para um. Hitler sabia disso, mas nem os tchecos nem os franceses fizeram valer esta matemática. Mas Herr Adolf mudou de atitude e propôs uma nova negociação com os tchecos. Esta proposta chegou a Chamberlain na noite do dia 27 de setembro.

Sir Neville ficou otimista e respondeu dizendo que estava disposto a ir a Berlim imediatamente para discutir com ele, Hitler, e com os representantes tchecos, da França e da Itália. Conforme Shirer, citando Göering “Agora já não é possível evitar uma conflagração mundial. Durará talvez sete anos e será ganha por nós”. Errou ele as duas previsões: durou dois anos a menos e a Alemanha foi derrotada.

Em 28 de setembro, o embaixador da Itália em Berlim Bernardo Attolico entregou a Hitler uma mensagem urgente de Mussolini na qual o Duce pedia ao Führer para não se mobilizar. E o incrível aconteceu: Hitler aceitou o pedido do mandatário italiano e “resolveu escolher a paz” (Idem, p. 46). Mas, mandou convidar os chefes de governo da França e Itália para Munique no dia seguinte. Em Londres, esta notícia causou no parlamento um alívio geral. E o parlamento passou a elogiar Chamberlain. Mas, no fundo, as coisas não estavam tão bem assim. O dirigente tcheco Jan Masaryk não foi convidado, o que lhe causou profunda revolta. Manifestou ele a Chamberlain e a Halifax[10] o seguinte sentimento:

“Se os senhores sacrificaram o meu país para salvar a paz do mundo eu serei o primeiro a concordar convosco. Senão, que Deus tenha piedade das vossas almas” (Idem).

Sem dúvida, ele acreditava mais na segunda parte da sua manifestação. E ele estava correto.

A CONFERÊNCIA, DE 29/30 DE SETEMBRO

[10] Trata-se de Edward Frederick Lindley Wood, 1° Conde de Halifax (1881 - 1959), conhecido como Lord Irwin de 1925/34 e Visconde Halifax de 1934/44. Foi um político conservador britânico da década de 1930. Ocupou vários cargos ministeriais, principalmente os de vice-rei da Índia de 1926/31 e de secretário de Relações Exteriores entre 1938/40. Foi o principal auxiliar de Chamberlain.

Ao meio-dia o anfitrião Herr Adolf Hitler recebeu – já como vencedor, os chefes de governo da Grã-Bretanha, França e Itália. Naquela manhã, muito cedo, o Führer já tinha se encontrado com o Duce para "determinar as bases de uma ação comum na conferência" (Ibidem).

As conversações começaram às 1245 horas no prédio chamado Führerhaus, na Koenigsplatz. E revelaram-se meramente formais. As coisas já estavam decididas: entregar a Hitler o que este desejava e quando quisesse. Antes disso, Mussolini apresentou uma proposta feita às pressas, na véspera, por Göering e outros dois auxiliares. Adrede, Hitler aprovou tudo.

Chamberlain ainda tentou introduzir os tchecos na conferência. Hitler não quis saber disso. No máximo, dois representantes tchecos, que permaneceram na sala contígua. Verdadeira humilhação. Ao final, foram eles informados dos resultados das negociações, principalmente sobre as áreas que deveriam ser imediatamente evacuadas pelos tchecos.

À 0100 h de 30, os participantes assinaram o Acordo de Munique. Ele dizia que o Exército alemão entraria na Tchecoeslováquia no dia seguinte, 1º de outubro. E a ocupação dos Sudetos até o dia 10. Ou seja, Hitler obteve mais do que desejava.

Chamberlain foi recebido como herói em Londres. Tinha evitado a guerra, pelo menos por enquanto. Declarou ao povo que "pela segunda vez, a paz com honra (sic) foi trazida da Alemanha para Downing Street. Julgo que desta vez é a paz para toda a vida" (Shirer, 1969, p. 48). Ele estava redondamente enganado, e o povo também.

Um mês e 20 dias depois (20 de novembro) foi acertado o acordo final de Munique, o qual entregou à Alemanha muito mais do que Hitler desejava.

No parlamento inglês, um personagem importante percebeu a gravidade da situação: Winston Leonard Spencer Churchill. Em seu discurso na Câmara dos Comuns disse:

> "Sofremos uma derrota total e absoluta... Estamos no seio de uma catástrofe de uma amplitude incomparável. O caminho das embocaduras do Danúbio... o caminho do Mar Negro está aberto... Um atrás do outro, todos os países da Europa Central ver-se-ão arrastados pela vasta torrente da política nazista... e não penseis que isto é o fim. Não; isto não é mais do que o princípio" (Idem, p. 50).

Em outra ocasião Churchill declarou o seguinte: "Vocês tiveram a chance de escolher entre a guerra e a desonra. Vocês escolheram a desonra e terão a guerra".

Vale registrar que a invasão nazista à Tchecoeslováquia ainda tardou até 15 de março de 1939 quando as tropas alemãs invadiram a Boêmia e a Morávia. A Tchecoslováquia não conseguiu resistir e acabou ocupada por seis anos, até o final da II GM.

A política de apaziguamento acertada em Munique foi imediatamente abandonada quando a Alemanha invadiu a Tchecoeslováquia. A partir daí a Grã-Bretanha, assim como outros países europeus, passaram ao rearmamento.

Ao lado, em Viena, desfile comemorativo ao Anschluss.

A EUROPA DE 1925 A 1939
Território alemão em 1919
Zonas de ocupação aliada
Alemanha 1-9-1939
Anexações alemãs
Anexação italiana
Anexação húngara
Anexação polonesa
Limite de Estados independentes
1 de julho de 1925 As tropas francesas e belgas evacuam o Ruhr
31 de janeiro de 1926 Evacuação da primeira zona de ocupação (Colônia)
30 de junho de 1930 As últimas tropas francesas abandonam a Renânia
26 de janeiro de 1934 A Polônia e a Alemanha assinam um pacto de não agressão por dez anos
9 de fevereiro de 1934 Pacto balcânico: Grécia, Romênia, Turquia e Iugoslávia
13 de janeiro de 1935 Plebiscito do Sarre: 90 % dos votos foram a favor da reincorporação na Alemanha
16 de março de 1935 A Alemanha restabelece o serviço militar obrigatório
7 de março de 1936 Reocupação da Renânia pelas tropas alemãs
18 de julho de 1936 Um levante militar na Espanha desencadeia a guerra civil
20 de julho de 1936 Conferência de Montreux: remilitarização dos Estreitos pela Turquia
11 de novembro de 1936 Formação do «Eixo» Roma-Berlim
12 de março de 1938 O Reich proclama o Anschluss com a Áustria
30 de setembro de 1938 Munique: a Tchecoslováquia cede o território dos Sudetas à Alemanha
2 de outubro de 1938 Os Poloneses ocupam a região de Teschen
Novembro de 1938 A Eslováquia Meridional é incorporada à Hungria
14 de março de 1939 Declaram-se independentes a Eslováquia e a Ucrânia subcarpática
15-16 de março de 1939 Entrada das tropas alemãs na Tchecoslováquia. Criação do protetorado de Boêmia-Morávia
22 de março de 1939 O Reich anexa o território e a cidade de Memel
12 de abril de 1939 O rei da Itália é coroado rei da Albânia
23 de agôsto de 1939 Assinatura do pacto germano-soviético
25 de agôsto de 1939 Tratado de ajuda mútua entre a Inglaterra e a Polônia
MAR DO NORTE
OCEANO ATLÂNTICO
CANAL DA MANCHA
MAR MEDITERRÂNEO
MAR BÁLTICO
MAR ADRIÁTICO
MAR NEGRO
MAR EGEU
GRÃ-BRETANHA
IRLANDA
HOLANDA
BÉLGICA
FRANÇA
ALEMANHA
SUÍÇA
ÁUSTRIA
TCHECOSLOVÁQUIA
POLÔNIA
HUNGRIA
ROMÊNIA
IUGOSLÁVIA
BULGÁRIA
ALBÂNIA
GRÉCIA
TURQUIA
ITÁLIA
ESPANHA
PORTUGAL
SUÉCIA
NORUEGA
FINLÂNDIA
ESTÔNIA
LETÔNIA
LITUÂNIA
DINAMARCA
U. R. S. S.
Londres
Paris
Berlim
Praga
Viena
Budapeste
Varsóvia
Roma
Madri
Lisboa
Bruxelas
Haia
Amsterdã
Roterdã
Munique
Nuremberg
Dresden
Leipzig
Hannover
Colônia
Nancy
Estrasburgo
Reims
Nantes
Bordéus
Toulouse
Marselha
Nice
Turim
Gênova
Veneza
Trieste
Zagreb
Belgrado
Bucareste
Sofia
Istambul
Salônica
Atenas
Tirana
Durazzo
Corfu
Nápoles
Palermo
Barcelona
Valência
Lisboa
Tejo
Pó
Reno
Sena
Loire
Garona
Ródano
Danúbio
Dniester
Dniepr
Vístula
Elba
Oder
Memel
Kaunas
Riga
Tallinn
Helsinque
Leningrado
Estocolmo
Oslo
Copenhague
Königsberg
Dantzig
PRÚSSIA ORIENTAL
TERRITÓRIO DE MEMEL
TERRITÓRIO DE DANTZIG
Minsk
Smolensk
Kiev
Brest-Litovsk
Lvov
Cracóvia
Lodz
Poznan
Stettin
Teschen
Brno
Bratislava
ESLOVÁQUIA
BOÊMIA
MORÁVIA
Cluj
Iasi
Bósforo
Dardanelos
Esmirna
SARDENHA
CÓRSEGA
SICÍLIA
BALEARES
SAARE
RENÂNIA
LUX
Colônia
Coblença
Mainz
Dortmund
Antuérpia
Bergen
Glasgow
Belfast
Dublin
Liverpool
Birmingham
Londres
Bruxelas
Haia
Amsterdã
Roterdã
Berlim
Hannover
Stettin
Poznan
Varsóvia
Lodz
Cracóvia
Lvov
Brest-Litovsk
Minsk
Kiev
Smolensk
Riga
Tallinn
Helsinque
Leningrado
Estocolmo
Oslo
Copenhague
Königsberg
Dantzig
Memel
Kaunas
Praga
Brno
Bratislava
Viena
Budapeste
Munique
Nuremberg
Dresden
Leipzig
Colônia
Nancy
Estrasburgo
Reims
Paris
Nantes
Bordéus
Toulouse
Marselha
Nice
Turim
Gênova
Veneza
Trieste
Zagreb
Belgrado
Bucareste
Sofia
Istambul
Salônica
Atenas
Tirana
Durazzo
Corfu
Nápoles
Palermo
Barcelona
Valência
Lisboa
Madri
Tejo
Pó
Reno
Sena
Loire
Garona
Ródano
Danúbio
Dniester
Dniepr
Vístula
Elba
Oder
Memel
Kaunas
Riga
Tallinn
Helsinque
Leningrado
Estocolmo
Oslo
Copenhague
Königsberg
Dantzig
Praga
Brno
Bratislava
Viena
Budapeste
Munique
Nuremberg
Dresden
Leipzig
Colônia
Nancy
Estrasburgo
Reims
Paris
Nantes
Bordéus
Toulouse
Marselha
Nice
Turim
Gênova
Veneza
Trieste
Zagreb
Belgrado
Bucareste
Sofia
Istambul
Salônica
Atenas
Tirana
Durazzo
Corfu
Nápoles
Palermo
Barcelona
Valência
Lisboa
Madri
Tejo
Pó
Reno
Sena
Loire
Garona
Ródano
Danúbio
Dniester
Dniepr
Vístula
Elba
Oder
Memel
Kaunas
Riga
Tallinn
Helsinque
Leningrado
Estocolmo
Oslo
Copenhague
Königsberg
Dantzig
Praga
Brno
Bratislava
Viena
Budapeste
Munique
Nuremberg
Dresden
Leipzig
Colônia
Nancy
Estrasburgo
Reims
Paris
Nantes
Bordéus
Toulouse
Marselha
Nice
Turim
Gênova
Veneza
Trieste
Zagreb
Belgrado
Bucareste
Sofia
Istambul
Salônica
Atenas
Tirana
Durazzo
Corfu
Nápoles
Palermo
Barcelona
Valência
Lisboa
Madri
Tejo
Pó
Reno
Sena
Loire
Garona
Ródano
Danúbio
Dniester
Dniepr
Vístula
Elba
Oder

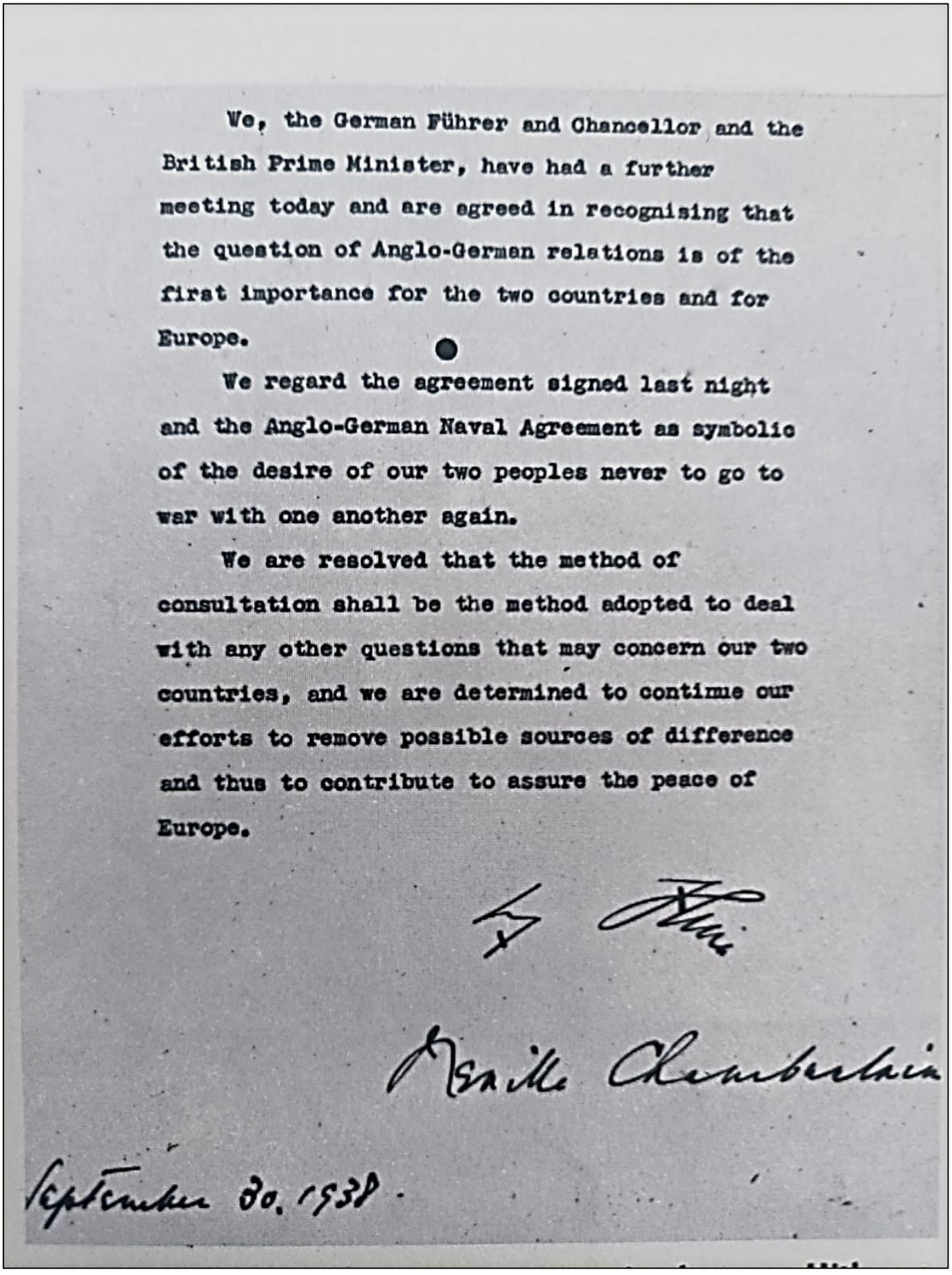
Ao lado, chegada de Chamberlain em Munique, passando as tropas em revista, acompanhado de Hitler e de Ribbentrop.

(Fonte: Shirer, 1969, p. 43)

Ao lado, antes da Conferência, foto oficial, Chamberlain, Daladier, Hitler e Mussolini.

(Fonte: Shirer, 1969, p. 45)

Abaixo, a declaração comum assinada por Hitler e Chamberlain em 30 de setembro de 1938: “Estamos resolvidos a eliminar todos os possíveis motivos de dissensão e a assegurar a paz da Europa” (Fonte: Shirer, 1969, p. 49).



We, the German Führer and Chancellor and the British Prime Minister, have had a further meeting today and are agreed in recognising that the question of Anglo-German relations is of the first importance for the two countries and for Europe.

We regard the agreement signed last night and the Anglo-German Naval Agreement as symbolic of the desire of our two peoples never to go to war with one another again.

We are resolved that the method of consultation shall be the method adopted to deal with any other questions that may concern our two countries, and we are determined to continue our efforts to remove possible sources of difference and thus to contribute to assure the peace of Europe.

September 30, 1938.

Ao lado, no dia seguinte, a opinião pública ocidental dá um suspiro de alívio. Toda a gente tem interesse em acreditar que o monstro nazista está finalmente saciado. Não assegura isso o próprio Hitler ‘urbi et orbi”, que já não tem a fazer qualquer reivindicação na Europa? Na realidade, desde 10 de outubro o Führer encarregou os seus generais da preparação dos planos para a destruição total da Tchecoeslováquia. Como de costume, os nazistas começam por um longo trabalho de sapa, de aparências totalmente pacíficas: multiplicam as suas pressões sobre o interior da Tchecoeslováquia e organizam provocações cuidadosamente urdidas (Fonte: Shirer, 1969, p. 54).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção de evitar uma nova conflagração mundial permeou todo este processo histórico. Mas a principal prejudicada – a Tchecoeslováquia, assim ficou. Pagou caro, inclusive pela aversão de Hitler à etnia tcheca. E ficaram, os tchecos, excluídos das pesadas decisões sobre o seu próprio país. Inegávelmente, o país foi traído.

As comitivas foram recebidas no prédio do Führerhaus, QG de Hitler em Munique. E de maneira "desleixada", conforme Tim Bouverie (p. 308). Hitler se mostrou tenso no início, mas se acalmou quando soube que os demais líderes aceitavam uma "ocupação ligeira" da Tchecoeslováquia.

Estava tudo decidido. A conferência foi somente uma "pró-forma". Às 0230 h de 30 de setembro foi assinado o acordo. Onze meses depois Hitler invadiu a Polônia.

Conforme Antony Beevor "O maior talento de Hitler estava em descobrir e explorar a fraqueza dos seus oponentes" (2015, p. 14). Foi isso que aconteceu nas reuniões anteriores e em Munique. Herr Adolf blefou o tempo todo. Ainda bem que nem sempre foi assim durante a guerra.

Em 1938, enquanto as potências (nem tanto) vinham se desmilitarizando e enfraquecendo, a Alemanha se fortalecia, e muito. A balança estava a favor de Herr Adolf...

Conforme Beevor,

> "O fato é que nem os britânicos nem os franceses estavam psicologicamente preparados para uma guerra, principalmente porque havia sido mal informados pelos políticos, os diplomatas e a imprensa" (Idem, p. 19).

Em março de 1939, Hitler tomou o restante da Tchecoeslováquia, violando flagrantemente o Acordo de Munique. Seis meses depois começava a guerra.

E Winston Churchill? Foi um dos poucos que tentaram advertir o governo inglês sobre os planos de Hitler. Ele e outros foram simplesmente considerados como "fomentadores da guerra". Estavam corretos.

A França provou que estava quase completamente despreparada para a guerra. A humilhante derrota do primeiro semestre de 1940 prova isso, cabalmente. Basta consultar o livro do historiador francês, testemunha dos acontecimentos – Marc Bloch, em seu livro A Estranha Derrota (Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2011) (disponível na Internet, sem custo).

E, por lógico, neste processo, a atitude da França sempre foi aplicada no sentido de humilhar a Alemanha. Pagou caro por isso, como foi destacado acima.

Finalmente, para se estabelecer uma semelhança, ou paralelo, entre a situação da Europa desde 2022 até agora tendo como figurantes a Ucrânia e a Rússia alguns fatores devem ser destacados. Até 2022, quando parte da Ucrânia foi ocupada, existiam muitas semelhanças e elas são históricas. Mas a partir de 2022 o contexto muda consideravelmente. A Rússia de hoje seria a Alemanha de 1939, e a Ucrânia seria a Tchecoeslováquia daquele ano. Os tchecos não reagiram, a Ucrânia sim. Esta é a grande diferença, salvo melhor juízo. O desfecho deste processo bélico é impossível prever.

(*) Coronel de Infantaria e Estado-Maior Veterano do Exército Brasileiro.

Referências

BARSA, Enciclopedia Britânica. Rio de Janeiro, 1977, volume 13, p. 139.
BEEVOR, Antony. A Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Record, 2015.
BOUVERIE, Tim. Negociando com Hitler – a diplomacia que levou à guerra. São Paulo: Planeta, 2020.
CARTIER, Raymond. A segunda guerra mundial. Rio de Janeiro: Primor, 1977, dois volumes.
SELEÇÕES DO READER'S DIGEST. Grande crônica da Segunda Guerra Mundial, volume 1. Rio de Janeiro: Ypiranga, 1969, dois volumes.

%%

HISTÓRIA ORAL DO EXÉRCITO BRASILEIRO – 31 DE MARÇO DE 1964, volume 1
- ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS -

General-de-Exército Geise Ferrari

Síntese biográfica - Foi declarado Aspirante-a-Oficial em 15/12/1949; Oriundo da Arma de Infantaria; Promovido ao posto de General-de-Exército em 31/07/1991; Período de Comando do COTER 03/04/1992 a 15/08/1994. Natural do Rio de Janeiro, RJ. Último posto da carreira: General-de-Exército. Foi Comandante Militar do Oeste (MS), Chefe do Departamento Geral do Pessoal e Comandante de Operações Terrestres. Possui os cursos regulares do Exército e o da Escola Superior de Guerra. No exterior: adjunto da Comissão Militar Brasileira em Washington. Em 1964, era Comandante do Curso de Infantaria da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).

Entrevista realizada em 24 de maio de 2000

1964, 31 DE MARÇO: O MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO E A SUA HISTÓRIA

Desejo inicialmente agradecer esta oportunidade de relatar o que vi e o que fiz à frente do Curso de Infantaria durante a Revolução de 1964, que costumo chamar de "contra-revolução", porque uma revolução já estava em curso, de tendência comunista.

É preciso lembrar, alertar, que eu era, na oportunidade, o Comandante e Instrutor-Chefe do Curso de Infantaria, apesar de ainda não possuir o Curso de Estado-Maior (o cargo é privativo de oficiais possuidores do curso de Estado-Maior da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército - ECEME).

Meu antecessor e grande amigo, hoje General Harry Schnardoff, nomeado para uma comissão na Alemanha, já havia deixado a chefia do Curso antes do início da Revolução, tendo o cargo ficado vago. Como oficial mais antigo, assumi o Curso, até que fosse nomeado um novo Instrutor-Chefe.

Um outro aspecto que também queria ressaltar, de início, é que o Curso de Infantaria, pela primeira vez, foi reunido numa só Companhia de Cadetes, tendo em vista o efetivo um pouco reduzido naquele ano. De modo que era uma Companhia de Cadetes com um efetivo aproximado de duzentos cadetes. Esses são detalhes que terão reflexos durante a minha apresentação.

Naquela época, em decorrência do clima de insegurança existente no País, para nós, da Academia, importava saber o que pensava o nosso Comandante. General Emílio Garrastazu Médici. Essa preocupação se dissipou no ano anterior, em 1963, por uma atitude que ele tomou e eu aqui relato.

No dia 1º de outubro, tiveram início as obras da construção da barragem do Funil, com a presença do Presidente da República e de altas autoridades dos governos federal e estadual. A programação previa um banquete em homenagem ao Presidente João Goulart, no restaurante Itatiaia, ocasião em que o Governador do Estado do Rio, Badger da Silveira, saudaria a mais alta autoridade do País.

Sob a alegação de que o local era exíguo para a realização da homenagem programada, o Ministro da Guerra determinou ao Comandante da Academia que cedesse a Biblioteca Acadêmica para o banquete. Seria, evidentemente, um comprometimento da AMAN (Academia Militar das Agulhas Negras) com uma reunião eminentemente política. Na Biblioteca, quando o Governador Badger da Silveira se dispôs a iniciar o seu discurso, o General Médici levantou-se e, declinando sua função de Comandante da AMAN, cassou-lhe a palavra, alegando que qualquer envolvimento da Academia com eventos políticos, seria deplorável e que, por isso, ele pedia que não se procedesse a qualquer pronunciamento político naquele recinto.

A atitude destemida do então Comandante da AMAN frustrou a caterva peleguista que acompanhava o Presidente da República, reduzindo aquela programação, de custoso aparato, a um mero e opíparo ágape festivo.

Para nós, a Revolução de 31 de março de 1964, na AMAN, começou naquele 1º de outubro de 1963, ocasião em que o seu comandante se posicionou, peremptoriamente, contra o alheamento político da Academia Militar.

Queria citar ainda outra manifestação do General Médici: nas diversas palestras que ele determinou que fossem realizadas sobre guerra revolucionária para oficiais do Corpo de Cadetes e demais oficiais da Academia, durante uma delas, no anfiteatro, o palestrante começou a discorrer sobre as cinco fases da guerra revolucionária. Em dado instante, um companheiro nosso, o então Capitão Dagmauro, levantou-se e disse, na presença do General Médici e de vários oficiais do seu estado-maior: "Nós estamos na quinta fase, e quem orienta a guerra revolucionária é o Palácio do Planalto, em Brasília".

Não houve nenhuma reação do General Médici contra a manifestação, inclusive aplaudida por alguns dos oficiais presentes. A partir daquele momento, tornou-se patente o pensamento do nosso Comandante e pudemos ligá-lo às decisões que o General Médici tomaria no caso de uma grave perturbação da ordem.

O que fizemos antes da Revolução no Curso de Infantaria, ainda à época do então Major Harry Schnarndorf como Instrutor-Chefe? Nós conversávamos com os cadetes, mas não podíamos incitá-los a uma rebeldia contra o governo. Entre nós oficiais e com a aquiescência do então Coronel Potyguara[11], Comandante do Corpo de Cadetes, abríamos o nosso coração, dizíamos o que pensávamos contra aquele estado de baderna que imperava em todo o País.

Eles – o Coronel Potyguara e o General Médici – sabiam o que pensavam alguns dos oficiais do Corpo de Cadetes. Entre as providências que tomamos e que eram do conhecimento do Coronel Potyguara, destacamos: procuramos diminuir o risco de que pudesse haver um movimento dos sargentos – que vinham sendo insuflados pelo governo, particularmente no Rio de Janeiro – evitando o acesso aos paióis da Academia para retirada de munição.

Então, começamos a retirar determinado tipo de munição, sob a alegação de que realizaríamos exercícios com o Curso de Infantaria e essa munição foi sendo recolhida ao Parque de Infantaria, sob nossa guarda. Tudo o que fazíamos, conversávamos com o Coronel Potyguara, de modo que ele soubesse o que tinha e qual era o pensamento do Curso de Infantaria.

Outra providência tomada era junto aos cadetes, sargentos de dia ao Curso, para que, a qualquer momento, tivessem condições de retirar o Curso inteiro do Conjunto Principal, onde estavam os alojamentos, e o levasse para o Parque de Infantaria, porque também tínhamos receio de que a saída do Conjunto Principal pudesse, facilmente, ser bloqueada.

A ordem, então, que dávamos – a eles, sargentos de dia – era que se deslocassem para o parque e lá aguardassem a chegada dos oficiais. Com o agravamento da crise, que se processou particularmente na antevéspera da Revolução, estávamos nas dependências do Curso Básico com a presença de vários oficiais do Curso de Infantaria e do Curso Básico, ouvindo a manifestação do então Governador Brizola, pela Rede da Legalidade. Aquilo foi nos deixando ansiosos por uma decisão, tendo em vista a gravidade das palavras que ele dirigia a toda população brasileira. Houve aí um pequeno desentendimento, porque convoquei os oficiais de Infantaria que me acompanhassem ao Corpo de Cadetes para conversar com o Coronel Potyguara.

Um dos oficiais ali presentes, mais antigo, achou que nós estávamos aliciando oficiais que não nos eram subordinados, porque além dos oficiais de Infantaria, do Curso de Infantaria, alguns oficiais do Curso Básico aderiram ao nosso chamamento. Esse mal-entendido foi contornado, e saímos para transmitir ao Coronel Potyguara a nossa ansiedade. Na noite de 31 de março, foi preparada uma proclamação pelo General Médici.

Acredito que o General Corrêa já tenha feito a citação, quando de sua entrevista, mas gostaria, apenas, de ler o trecho inicial:

> "A AMAN ao adotar a atitude que tomou e que nossa presença aqui materializa, pensou principalmente na validade eterna dos princípios da disciplina e da hierarquia, que têm sido o apanágio glorioso de nossas Forças Armadas. Aqui está a mocidade militar do Brasil, representada por jovens possuídos dos mais alcantilados sentimentos de patriotismo e apego ao dever, não para agredir seus irmãos de armas, nem para deixar-se sacrificar, mas sim para salvaguardar os princípios que regem a profissão que escolheram por vocação irresistível e, se necessário for, dignificar a farda que vestem, através de atos de que falará no futuro, com respeito e admiração, a História de nossa estremecida Pátria".

Esse pronunciamento do General Médici estava pronto, mas alguns outros eventos ocorreram nessa madrugada. Veio ordem do I Exército para que a AMAN colocasse de prontidão o Batalhão de Comando e Serviços. Era um efetivo grande, ainda que a tropa pronta para emprego desse Batalhão fosse apenas a Companhia de Guardas. Os demais eram elementos de apoio à Academia.

Simultaneamente a tal ordem, o Comandante da AMAN foi notificado "de um levante do povo de Minas Gerais, com o apoio de forças federais e estaduais sediadas naquele Estado, contra o governo federal". Essa foi a notícia transmitida pelo I Exército. O General Médici determinou o cumprimento da ordem, entrando de prontidão o Batalhão de Comando e Serviços. Ativou um comando operacional constituído por oficiais da Academia, parte deles já integrantes do seu estado-maior pessoal.

[11] Trata-se do, posteriormente, General de Exército Moacyr Barcellos Potyguara, também depoente no volume 1.

Um fato curioso surgiu nessa noite. Estava ocorrendo o casamento de um oficial da Academia, ou da filha de um oficial da Academia, na capela externa à AMAN, de modo que um grande número de oficiais, talvez a maioria dos oficiais do Corpo de Cadetes e também da Academia, estava presente à cerimônia. Eu não sei por que, talvez suspeitando de que a coisa estava muito grave, não fui, e estava em casa, quando tomei conhecimento dessa notícia vinda do I Exército. Na mesma hora, determinamos ao sargento-de-dia do Curso de Infantaria que retirasse o Curso do Conjunto Principal, o levasse para o Parque e lá aguardasse a chegada dos oficiais. De modo que, para surpresa de muitos, o Curso de Infantaria saiu todo e se deslocou para o Parque. Com isso, evitamos qualquer reação da parte dos sargentos.

Foi, imediatamente, acionado o plano de chamada de oficiais e graduados e, juntos, nos encontramos no Parque em questão de pouco tempo, iniciando a execução do plano de defesa das instalações. O problema, como tenho dito anteriormente, era uma ameaça: o Parque de Infantaria era muito próximo ao Batalhão de Comando e Serviços. De modo que, com qualquer movimento, poderíamos ficar ilhados dentro do parque.

Às 2h do dia 1º de abril de 1964, o General Costa e Silva telefona para o General Médici e pede a ele o apoio da Academia, para permitir que as tropas que pudessem ser deslocadas do II Exército passassem por Resende sem qualquer ameaça das tropas do I Exército.

Quero chamar a atenção e grifar: o General Médici, às 2 h da manhã, tomou a decisão de empenhar a Academia a favor da Revolução. O II Exército ainda não tinha informado sua decisão de aderir. Chamo atenção porque criaria uma situação inusitada caso não tivesse havido a adesão do II Exército: a Academia ficaria entre duas forças do mesmo partido, o que seria uma situação extremamente difícil.

Às 2h30 min dessa mesma madrugada, o General Amaury Kruel ligou para o General Médici, declarando que tinha aderido à Revolução e solicitando que a Academia assegurasse a passagem das tropas do II Exército por Resende sem serem hostilizadas. Às 3 h, o Comandante do I Exército informou ao Comandante da AMAN, haver determinado o deslocamento do Grupamento de Unidades Escola (GUEs) para São Paulo, a cavaleiro da BR-2 (atual BR-116, Via Dutra), prevendo a passagem por Resende ao meio-dia de 1º de abril.

Essa era a informação do Comando do I Exército. Até às 6h, desse dia, o quadro era o seguinte: I Exército – situação indefinida, ainda no Rio de Janeiro; 4ª Divisão de Infantaria (4ª DI), de Juiz de Fora, MG – em deslocamento para o Rio de Janeiro; o GUEs – algumas Unidades iniciam o seu deslocamento na direção de São Paulo. Tomamos conhecimento de que vinha como vanguarda, um batalhão reforçado do REsI (Regimento Escola de Infantaria) e o Grupo Escola de Artilharia (GEsA); 1ª Divisão de Infantaria (1ª DI) – deslocando-se para Juiz de Fora; II Exército – iniciando o deslocamento de forças para o Rio de Janeiro.

A AMAN, solidária à Revolução, expede a ordem preparatória para o emprego do Corpo de Cadetes. Entre 6 h e 8h30 min do dia 1º de abril, foi lançada uma vanguarda constituída pelo Esquadrão de Cavalaria da Academia (cadetes), acompanhado por elementos de Engenharia, pelo eixo da BR-2, na direção de Barra Mansa, com a missão de ligar-se ao 1º BIB (Batalhão de Infantaria Blindado), que tinha a sua sede naquela cidade, e ocupar posições nas alturas que dominam Ribeirão da Divisa.

Nessas alturas, procurar impedir que as tropas do I Exército, até o fim da jornada, atingissem a região de Resende. Na noite de 31 de março para 1º de abril, existe um detalhe do Curso de Infantaria que vale a pena relatar. Tão logo tomamos conhecimento da decisão do General Médici, desloquei-me para o Curso de Infantaria junto com todos os oficiais e graduados, e informei aos cadetes o que se passava. Usando uma linguagem simples, mostrei-lhes a nossa preocupação e constrangimento, até aquele momento, de não poder dizer-lhes qual era o pensamento dos oficiais do Curso.

Concitei a todos que se manifestassem, e aqueles que não concordassem com a decisão tomada, que se apresentassem naquele momento. Não houve qualquer desistência, nem da parte de oficiais, nem da parte dos cadetes. Tomamos apenas uma providência, que foi a de mandar prender um sargento do Curso que, inclusive, estava em casa acamado, mas era filiado a uma célula comunista, e um cadete do segundo ano por uma questão apenas de precaução, considerando que nós sabíamos que ele tinha o pai e um irmão comunistas.

Além do que – uma curiosidade daquela época – pelos jornais que eram lidos, tínhamos um levantamento, feito pelo oficial de informações do curso, das tendências de cada apartamento dos cadetes e, exatamente no apartamento desse cadete que foi preso, eram lidos os jornais contra a Instituição, contra a Revolução. Ele inclusive tinha sido voluntário para dar aulas de alfabetização no Batalhão de Comando e

Serviços, usando a cartilha de Paulo Freire. Então, esses dois elementos foram retirados do Curso. Entretanto, cabe destacar que nem o cadete nem o sargento, em nenhum momento, adotaram qualquer comportamento contrário ao movimento revolucionário que eclodia. As medidas por nós tomadas foram apenas preventivas.

Tínhamos, também, uma organização prevista para diferentes casos de emprego e os que conhecem a organização militar verão que a estrutura do Curso reuniu elementos e frações para vários tipos de emprego, porque era nossa ideia levar tudo o que tínhamos em armamento.

Assim, nos organizamos com três pelotões de fuzileiros, um pelotão de canhões 105 sem recuo, um pelotão de morteiros 4.2, uma seção de morteiros 81, uma seção de morteiros 60, uma seção de canhões 75 mm sem recuo, uma seção de canhões 57 sem recuo e uma seção de metralhadoras pesadas, totalizando entre oficiais, graduados e cadetes, cerca de 250 homens. Isso era tudo o que tinha o Curso de Infantaria.

Determinei que o então Capitão Léo (Ulyssea) Lebarbenchon (já falecido), nas funções de S3, ali nomeado, partisse na direção de Volta Redonda para fazer o levantamento de uma possível posição defensiva (PD) a ser ocupada pelo Curso de Infantaria.

Na manhã do dia 1º de abril de 1964, recebemos ordem de deslocamento para atingir uma região antes do corte do Rio Paraíba e, a meio caminho, recebemos uma ordem escrita (apresentou o original à História Oral) levada em mãos pelo então Coronel Antônio Jorge Corrêa, hoje General-de-Exército, e que dizia:

> "Capitão Ferrari. 1. De ordem de Sua Excelência deveis avançar até o Quilômetro 120, onde deve ser organizada vossa posição. 2. O elemento mais avançado da AMAN está se deslocando para a região da EDIMETAL, na altura do Quilômetro 114 da BR-2. Ass. Coronel Corrêa".

No prosseguimento da marcha, entre a primeira posição que tínhamos recebido para ocupar e essa segunda posição no Quilômetro 120, houve um fato curioso que poderia ter gerado uma situação extremamente triste, porque eu havia recebido ordem do Coronel Potyguara de entrar em posição e ficar em condições de acolher o Curso de Cavalaria, se pressionado. O que viesse a mais não seria "tropa amiga".

A meio caminho, ao transpor uma curva da estrada, divisamos ao longe um comboio de viaturas pesadas de 2,5 toneladas, tracionando obuses 105 mm, e eu não tinha a menor ideia do que se tratava (não havia ainda comunicações suficientes e a vanguarda, a Cavalaria, não tinha me alertado).

A primeira reação foi mandar parar o nosso comboio, atravessar as viaturas na estrada e a tropa ocupar posição, inopinadamente. Impressionou-me, neste momento, a prontidão do cadete. Quando olhei para trás vi a "cadetada" subindo as encostas, entrando em posição, colocando as armas em condições de tiro. Por sorte, pelo binóculo, verifiquei que na boleia do primeiro jipe vinha um capitão – Adir – da Academia, e deduzi que ele estava trazendo alguma tropa que tivesse aderido ao movimento. Demos ordens para ninguém atirar e o comboio, ao se aproximar, fez alto – porque a estrada estava interditada – e houve um congraçamento com os companheiros do GEsA que haviam aderido à Revolução. Esse fato mostrou a prontidão da "cadetada" para cumprir qualquer missão. Foi um motivo de muita satisfação.

Na parte da tarde, atingimos a região da nova PD e iniciamos a sua preparação e ocupação. Almoçamos durante o movimento. Só não veio uma Bateria do GEsA, que já estava em posição. Era a Bateria que vinha na Vanguarda do Destacamento do REsI. O mesmo se deslocava sob o comando do Coronel Abner, e contava na Vanguarda com um Batalhão e uma Bateria do GEsA. Essa tropa fez alto antes de Barra Mansa e ali resolveu ocupar posição. A adesão do Grupo Escola de Artilharia (menos uma Bateria), foi um momento de alívio, porque a disparidade era muito grande. O Grupo Escola era equipado com armamento do Acordo Militar Brasil–Estados Unidos e as viaturas 2,5 t estavam carregadas de cunhetes de munição.

Nós tínhamos apenas uma Bateria de Cadetes, do Curso de Artilharia da Academia, para enfrentar aquele volume de fogo, caso todo o Grupo atirasse contra nós. Por outro lado, essa Bateria que ficou parada antes de Barra Mansa, despertou no Coronel Abner uma dúvida: ela teria permanecido em posição, sem aderir, porque não sabia a atitude de seu Grupo ou porque estava "presa" na posição. Então, também essa Bateria passamos a admitir como tropa que não atiraria em nós.

Outro fato que, da mesma forma, vale a pena relatar é que, nessa situação, o Coronel Abner ordenou que o Pelotão de Morteiros Pesados 4.2 do REsI entrasse em posição e apontasse para a Academia. O Tenente Comandante se negou a apontar as peças para a Academia e já tinha mandado os sargentos, que estavam com ele, encristar a trajetória na serra, para não atingir a tropa de cadetes. Essas informações

chegavam ao nosso conhecimento devido a um fato curioso – coisas que sempre acontecem nesses momentos.

Depois que o BIB (1º Batalhão de Infantaria Blindado) foi estruturado para emprego – por determinação do General Médici – um capitão dessa Unidade, que ficou sem função definida, teve, então, uma ideia: com o seu carro, um "fusca", passou a visitar a posição do Coronel Abner (ele servira com o Coronel Abner no REsI). Sempre que ia lá, perguntava pela intenção do Coronel Abner, o que é que ele pretendia fazer, qual era a situação da tropa, e nos informava. Evidentemente que a informação passava pelo Coronel Potyguara, que estava lá na frente, e chegava até o Curso de Infantaria. Então, tínhamos um acompanhamento cerrado do que se passava no âmbito da tropa do I Exército. Foi desse modo que soubemos a negativa do Pelotão de Morteiros 4.2 de atirar sobre nossa posição. Logo, não haveria fogos de armas de tiro curvo, que era uma grande ameaça, contra o Curso de Infantaria.

Para a tropa do I Exército, ultrapassar a série de obstáculos colocados à sua frente era extremamente difícil. Vi, pela primeira vez, uma extensa ponte da rodovia, toda pronta para ser destruída pelo pelotão de Engenharia da Academia. Além do mais, havia o Curso de Cavalaria interposto entre a tropa deles e a nossa PD.

Como pude ver depois, o Comandante do Curso – Major Corrêa – irmão do Coronel Antônio Jorge Corrêa, ia se necessário, posicionar viaturas pesadas, de uma empresa de engenharia de construção de estrada, para bloquear o eixo, tornando mais difícil o acesso até a PD... Entremeamos os pelotões de fuzileiros com as peças das diferentes armas e ocupamos toda a elevação que nos foi imposta, escolhida pelo Estado-Maior do General Médici. A situação era privilegiada porque defrontávamos exatamente a BR-2 (hoje BR-116), que se situava perpendicularmente à nossa posição. Aí, pude observar o comportamento do cadete, o seu cuidado. Todos prepararam os seus espaldões das mais diferentes espécies de armas – metralhadora, morteiro, canhão sem recuo – abriram campos de tiro à frente das suas posições e seguiram religiosamente as ordens dos cadetes do 3º ano, que estavam em função de comando, para as quais foram nomeados pouco antes da Revolução eclodir.

Prepararam a munição das peças, particularmente as granadas de morteiro, todas prontas, em condições de emprego. Durante a madrugada, por várias vezes, eu e os meus oficiais vimos os cadetes todos acordados. Recomendamos que tinha que haver rodízio, porque não sabíamos por quanto tempo ficaríamos naquela situação. Sentimos que o que eles aprenderam, em sala ou em exercícios de campanha do Curso, estavam aplicando com alto grau de perfeccionismo.

Não posso deixar de lembrar o trabalho hercúleo do Tenente Taveira[12] – hoje general na reserva – Comandante do Pelotão de Comunicações, que varou a noite instalando todos os cabos telefônicos para colocar em funcionamento, o mais rápido possível, a rede telefônica da posição, o que fez com absoluto êxito. Ele e os cadetes que o acompanhavam merecem esse destaque. Inclusive foi Comandante da AMAN. É verdade, depois, foi Comandante da Academia.

A Artilharia estava sob o comando de quem? Exatamente sobre isso, que eu ia falar. No começo da tarde de 1º de abril, vimos a chegada da Bateria do Curso de Artilharia do Corpo de Cadetes, comandada pelo meu grande amigo o Capitão Dickens (Ferraz), que mais tarde, como General, foi me substituir no comando da 3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada (3ª BdaCMec). E o Dickens dizia das dificuldades que ele estava tendo em função da região extremamente montanhosa, difícil, exigindo da Bateria um tiro para o qual os cadetes do 3º ano ainda não tinham sido adestrados, que era o tiro vertical, porque estavam no início do ano. Isso foi feito ali no terreno, pelos oficiais do Curso de Artilharia, junto aos cadetes, orientando, ensinando como eles deveriam operar a Bateria no tiro vertical.

Há pouco, comentava que as ligações também foram difíceis, pois o elemento do Curso de Comunicações retardou um pouco sua chegada, o que nos obrigou a fazer uma ligação provisória entre a Bateria e o Curso de Infantaria (a PD), com fio telefônico da própria Infantaria. Assim, transcorreu a noite de 1º para 2 de abril, tensa, sabendo que o REsI estava parado antes de Barra Mansa e o Curso de Cavalaria não tinha sido hostilizado. Foi uma noite de observação, de expectativa, aguardando qualquer evento.

Havia uma desproporção entre as forças. O REsI vinha com um batalhão reforçado, cerca de 800 homens, com armamento e munição do Acordo Militar, mais um Grupo de Artilharia, para enfrentar uma PD organizada com duzentos e cinquenta homens e o Curso de Cavalaria com cerca de setenta ou oitenta homens. Já me referi ao Pelotão de Engenharia que preparou a destruição das pontes sobre a ferrovia e na região de Guarita. Considerando esses obstáculos criados – se acionada a destruição dessas duas passagens

[12] Rubem Augusto Taveira, antigo Cmt da AMAN.

– a tropa do I Exército teria que passar para a outra margem do Rio Paraíba, antes de Barra Mansa, por uma ponte, e tentar a aproximação para retomar a BR pelo outro lado, onde os eixos eram extremamente deficientes, eu diria que eram trilhas, e dificilmente viaturas pesadas conseguiriam andar por ali.

Ao raiar do dia 2 de abril, tomamos conhecimento que o 5o Regimento de Infantaria (5º RI), do II Exército, já tinha chegado a Resende e se preparava para fazer a substituição da tropa de cadetes. De modo que, substituídos pelo 5º RI, retornamos à Academia e, para grata surpresa nossa e dos demais companheiros que estavam lá na frente, face a face com o inimigo, encontramos uma recepção de alto nível.

O General Médici determinou que todo o efetivo da Academia, que não participara diretamente da entrada em posição lá na frente, se postasse em duas alas desde o Portão Monumental para nos receber. A população também acorreu, e mais as tropas do II Exército que estavam estacionadas. No meio daquele cordão de duas fileiras, desfilaram os Cursos. Há até uma curiosidade que vale a pena relatar. Os cadetes de Infantaria que estavam com as metralhadoras vieram me perguntar se podiam trançar pelo corpo os pentes com a munição. Aí eu disse: "Pode, hoje é dia de festa." De modo que foi motivo de muita emoção o regresso à Academia, sem uma perda, para felicidade do Exército e do Brasil.

E assistimos a um desfile lindo, a vibração imensa dos cadetes que voltavam.

Nós do 2º RO 105 estávamos ali, com mais uma Bateria do CPOR de São Paulo, representando o II Exército, junto com o General Médici, com o Coronel Antônio Jorge Corrêa e com todos aqueles que não se deslocaram lá para frente. Então, foi uma recepção merecida, calorosa, aos cadetes que chegavam enlameados, exaustos, após duas noites sem dormir.

Considero a decisão do General Médici uma das mais difíceis tomadas por um general durante a Revolução. A última vez que a Escola Militar – de Realengo – foi envolvida aconteceu em 1935. Desde então, não tomaram parte em nenhum movimento insurrecional interno. O risco que ele assumiu ali, em expor a vida daqueles jovens, foi muito grande. Isso a gente deduz de suas palavras, quando diz o seguinte: "Foi a mais difícil decisão tomada naquele dia." E mais:

> "Cadetes! Ao decidir empregar a Academia e, em especial, o Corpo de Cadetes, eu e meus assessores diretos fomos tomados de viva emoção. Lançávamos assim o sangue jovem do Exército na liça, e corríamos o perigo de vê-lo umedecer as velhas terras do Vale do Paraíba...", e concluiu: 'Após vinte e nove anos de alheamento, a Academia Militar voltou a empenhar-se ostensivamente na luta pelo aprimoramento de nossas instituições, e pela tranquilidade de nosso País. Vós o fizestes com pleno sucesso e admirável galhardia. E por isso a história pátria lhes reserve uma página consagradora, fazendo-os ingressar no rol daqueles que, despidos de qualquer ambição ou interesse subalterno, um dia se dispuseram a lutar pelo País, que nossos descendentes hão de receber engrandecido e respeitado. Cadetes! Pela história atingis os umbrais da glória'".

Uma beleza, aliás todas as proclamações do General Médici foram empolgantes... Por essa manifestação podemos deduzir a gravidade da decisão que teve de tomar. Estive presente em algumas oportunidades. Convém lembrar que o Batalhão de Comando e Serviços, como disse, uma Companhia de Guardas, foi empenhada na manutenção dos estoques de combustível, ao longo da BR.

O 1º BIB, de Barra Mansa, com uma estrutura muito reduzida, ficou com os carros blindados em Volta Redonda. Quem manteria a BR livre para o II Exército chegar? Só o Corpo de Cadetes. E ele então teve que tomar essa decisão. Inclusive, General, é importante destacar o valor dessa decisão para o moral do II Exército, que vinha extremamente preocupado, porque ia "bater de frente" com o Rio de Janeiro, como o senhor muito bem destacou, dotado de material do Acordo, com efetivos ponderáveis e muita munição, o que faltava ao II Exército.

Então, a Academia realmente trouxe alma nova, uma verdadeira alegria e satisfação a todos os integrantes que partiram de São Paulo sem saber o que iriam encontrar. Quando tomamos conhecimento de que a Academia estava ali à frente, ocupando uma posição defensiva e impedindo que as tropas do Rio viessem ao nosso encontro, sentimos grande alívio, pois estava afastada a possibilidade de um derramamento de sangue, que acabaria por acontecer.

Era isso o que queria destacar nas minhas considerações iniciais. Entendo que as manifestações sobre a Revolução de 1964, quando abordam a atuação da Academia, sempre pecam por apenas dizer o que fez a AMAN, sem se referir à decisão do General Médici. Vivemos ao lado dele naqueles momentos e reconhecemos que lhe coube tomar uma decisão fundamental e extremamente difícil.

A História, contudo, reservou-lhe um lugar de destaque: foi Presidente da República. Apesar das críticas improcedentes, que os inimigos fazem à sua administração, foi um senhor Presidente da República.

Modesto, decidido e afável no trato; conversava conosco, naqueles momentos de apreensão, com a maior simplicidade. Sabíamos que ele estava do nosso lado. Depois, como Presidente, foi simples com relação ao povo, com o seu radinho no Maracanã... Injustiçado por essa imprensa tendenciosa que ainda hoje aí está.

General, após esse relato importante, porque nos traz a verdade a respeito da participação da nossa AMAN em defesa dos ideais da Revolução, perguntaria ao senhor quais foram as raízes do Movimento Revolucionário desencadeado em 31 de março?

No meu julgamento, o clima de desordem que se instalou no País veio de anos anteriores, não foi em 1964. Após a renúncia do Presidente Jânio Quadros, foi sendo criado um clima de ebulição, porque, lembro-me bem, de que pais e mães tinham receio de mandar os filhos ao colégio, devido às greves e badernas incríveis. O CGT (Comando Geral dos Trabalhadores) dominava com sindicatos poderosos e paralisava o País em todos os setores, em especial o do abastecimento.

Agora, o auge foi quando "botaram o dedo" na estrutura militar: quando vimos um almirante carregado nos ombros por marinheiros, em plena Avenida Presidente Vargas; quando vimos os marinheiros revoltosos lá do Sindicato dos Metalúrgicos serem liberados de dentro do Batalhão de Guardas – que eu vim mais tarde a comandar – e saírem em passeata pela avenida desuniformizados, sem cobertura, sem o dólmã usado pelos fuzileiros... Aquilo foi a gota d'água, não se podia mais admitir tanta desordem, tanta baderna. E quem nos empurrava para tomar uma decisão? A população, principalmente através de passeatas – as Marchas da Família, com Deus, pela Liberdade – procurando dizer: "Se vocês não agirem, quem vai agir?" Então, as Forças Armadas tomaram a decisão.

General, o que se passava no meio militar naqueles primeiros anos da década de1960? Como era o ambiente da AMAN?

O cadete, pela própria estrutura da Academia, é muito engajado na atividade-fim. É exigido desde que acorda até a hora de dormir, dia e noite. Diferentemente do nosso tempo de cadete, eles liam jornais nos apartamentos e como citei antes, podíamos sentir a tendência dos apartamentos pelo tipo de jornal que estava sendo lido.

Além disso, havia uma recomendação do próprio Comandante, General Médici, para que procurássemos manter o cadete informado da situação, sem envolvê-lo na mesma. Ele não poderia ser estimulado a se manifestar ostensivamente. O Coronel Rosadas (Rubem Barbosa Rosadas), que era professor da Academia, cita no seu relatório que, em sala de aula, - "os professores mostravam aos cadetes o clima de desordem que estava se criando no País".

Aliás, queria também registrar, que pude avivar a memória, devido ao relatório feito por um companheiro da Academia que servia lá, o Coronel de Infantaria Manuel Soriano Neto. Ele elaborou essa coletânea de dados, com depoimentos de outros oficiais, como os então capitães Nialdo e Muniz, esse último do Curso de Artilharia, e do Coronel Rosadas, que era professor de Psicologia. Quais os principais acontecimentos, a seu ver, que foram determinantes para o desencadeamento da Revolução de 31 de março?

Sem dúvida, foram esses eventos, como aquele comício da Central do Brasil em que se viu a figura do nosso Ministro no palanque, aconselhado que foi a não comparecer, segundo eu li ao longo da história, mas lá estava ele e a nossa Polícia do Exército, como segurança daquela massa enorme de indivíduos com flâmulas de partidos comunistas e letreiros agressivos; a revolta dos marinheiros, lá no sindicato dos metalúrgicos e a tropa que chegou, de fuzileiros navais, se não me falha a memória, colocou as armas na calçada e aderiu aos marinheiros insurretos; a reunião do Automóvel Clube, em que os sargentos fizeram a apologia do Presidente João Goulart, enquanto este os incitava à quebra da hierarquia e da disciplina.

Coube-lhe o discurso mais violento contra o status quo...Mais violento. Como já citei, os marinheiros presos no Batalhão de Guardas foram libertados e saíram pelas ruas desuniformizados, carregando um almirante nos ombros. Isso tudo aconteceu na área militar, e como disse anteriormente, a população queria que agíssemos. Nossos chefes procuraram verificar qual o momento propício para aderir ao movimento de rebeldia contra o governo, e esse momento foi exatamente naquela noite da reunião do Automóvel Clube.

Então, para ficar bem claro, as Forças Armadas foram intérpretes da vontade popular?

Exclusivamente. Seria até cômodo que nós ficássemos nos quartéis aguardando o desenlace dos acontecimentos. Companheiros desavisados foram envolvidos no movimento anarcocomunista particularmente os sargentos, por carências de toda ordem. Recebiam empréstimos orientados pelo governo para compra de casa própria, automóvel etc...

Então, General, havia uma Revolução em andamento no Brasil?

Eu chamo a Contra-Revolução de 31 de março, porque a revolução sindicalista-comunista já estava a caminho. Como disse o Capitão Dagmauro naquela época, nós estávamos na quinta fase da guerra revolucionária. O que fizemos foi uma Contra-revolução.

A Revolução, ou a Contra-revolução de 31 de março, foi um movimento exclusivamente de preparação interna ou houve auxílio externo?

Não tenho conhecimento de auxílio externo. Li todos os livros que escreveram sobre a Revolução; uns citam que a esquadra americana estava pronta para aderir. Naquela época, e posteriormente pela leitura, não consegui ver adesão de qualquer força armada estranha ao País. Talvez, aquiescência ao movimento, porque era de interesse para o mundo democrático, mas adesão com meios, não. Nesse aspecto, o General Meira Mattos foi taxativo ao dizer que não houve participação alguma de fora, foi exclusivamente uma preparação interna...

A que o senhor atribui o desmoronamento do esquema governamental que o Presidente João Goulart apregoava existir para fazer as reformas de base?

Eu tenho a impressão, não posso dizer com segurança, mas o governo caiu não só pelas ações do Presidente, mas, principalmente, pelos que o cercavam. Os sindicatos eram de esquerda extremada e implantaram o caos, com base nos pelegos que o dominavam. O Presidente começou a tomar decisões que acredito não fossem nem de seu interesse, naquele momento, mas, de qualquer maneira, era o Presidente... E ele colocou, em determinados postos, elementos notoriamente anarcoesquerdistas que atuavam com a firme determinação de implantar no Brasil a tal república sindicalista, sepultando a democracia no País.

Como o senhor viu o aspecto "chefia e liderança" daqueles que participaram efetivamente da Revolução, como é o caso da AMAN, da tropa de Minas Gerais e do próprio II Exército?

Nos momentos de crise é que podemos identificar os chefes, e ainda digo mais, os líderes. Líder é mais do que chefe, e na Academia nós tivemos esse exemplo. Eu disse no início: queríamos saber o pensamento do General Médici, e ele revelou esse pensamento no ano anterior, não foi na hora da Revolução.

Acredito que os oficiais meus subordinados e os cadetes, também esperavam o mesmo de mim. Os oficiais já sabiam, mas os cadetes aguardavam a decisão do Curso de Infantaria. Na hora que revelamos o nosso pensamento, de maneira clara, para eles todos, não houve uma deserção. Isso significa que acreditaram, como eu acreditei no meu Comandante do Corpo de Cadetes – hoje General Potyguara – como eu acreditei no meu Comandante da Academia, General Médici. Por que foi correto o emprego da tropa da AMAN, dos nossos cadetes, naquele momento? Não havia outra alternativa. Ele tinha assegurado que garantiria a passagem das tropas do II Exército por Resende, sem qualquer ação da tropa do I Exército, e já não tinha meios na Academia para ele empregar, só o Corpo de Cadetes.

O Movimento de 31 de março era baseado em alguma ideologia?

Nenhuma. A única ideologia era preservar o regime democrático. Era contra a comunização do País, era contra a ideologia comunista... Por isso, foi uma Contra-Revolução, e não uma Revolução.

A hoje chamada mídia apoiou o Movimento?

Naquela oportunidade, sim. Depois, açulada por infiltrações de vários matizes, não. Ela hoje move uma campanha sistemática contra a Revolução. Não apontam o que os governos fizeram e, agora, dizem que foi uma ditadura. Como disse, não me recordo se o Delfim Neto ou o Jarbas Passarinho: "Quisera que todas as ditaduras fossem tão boas como a brasileira".

Para alguém sofrer algo, tinha que ser daqueles terroristas insanos, que realmente perturbavam a vida da Nação... Aquilo foi uma guerra particular, dentro da Revolução. Eles não mataram? Eles não assaltaram? Não violentaram pessoas, etc.? Não fizeram uma série de barbaridades? Tinha que haver a contrapartida do governo revolucionário. A mídia, nesta última década, e aqueles que hoje detêm o poder fazem absoluta questão de omitir os acertos da Revolução.

O senhor poderia nos trazer alguns desses acertos?

O País atingiu a posição de oitava economia do mundo, com avanços em todos os campos. No campo dos transportes, falam hoje de uma maneira irônica das obras faraônicas. Uma está aí, a Ponte Rio-Niterói. Faraônica?! O que seria hoje do Rio de Janeiro sem tal ligação? Itaipu?! Hoje, o governo diz: "Vai faltar energia". Mas não faltou há dez anos, porque a usina existia. Quem fala que a Ponte Rio–Niterói é faraônica, nunca ficou lá do outro lado, no seu carrinho, esperando a barca para fazer a travessia, quase a noite toda, tendo que trabalhar no dia seguinte, praticamente sem dormir...

Hoje em dia muito se fala em ditadura militar e "anos de chumbo". Como é que o senhor vê isso?

Ditadura militar... Na ditadura militar, não havia medida provisória; hoje, temos mais de duas mil, três mil, para resolver qualquer tipo de problema. Então, nesse aspecto, os presidentes militares tiveram muito mais limitações do que se tem hoje. Inclusive a maioria dos ministros eram civis. Qual foi o ministro da economia, do planejamento ou das finanças? Nenhum foi militar. Inclusive tinham carta branca, eram realmente os que decidiam.

Quem pode contestar o desempenho de Roberto Campos no governo de Castello Branco? O próprio Delfim, ainda presente na vida nacional, está apontando os erros que hoje vêm sendo cometidos contra a economia do País. As Forças Armadas se beneficiaram ao tempo dos governos militares?

Eu sou muito franco nesse aspecto. Por serem generais os presidentes –familiarizados com o orçamento de gastos militares muito diminutos, em função da grandiosidade do País, da sua população, etc. e pessoalmente, na vida individual, junto à família, limitados por questões de vencimentos – eles deram, em parte, esse tratamento às Forças Armadas. Elas pouco tiveram de vantagens. Ironicamente, porque, como os presidentes eram militares, as Forças Armadas poderiam ter crescido em termos de valor, em termos de poderio, etc e não foi isso o que aconteceu.

A verdade é que passamos vinte anos de "cinto apertado". Inclusive os próprios equipamentos e armamentos das Forças Armadas foram os mínimos. É aquele negócio, "máximo desenvolvimento com o mínimo de segurança". Na verdade, era o mínimo mesmo...

De sua experiência pessoal, qual a avaliação que o senhor faz desses vinte anos de governo da Revolução?

Em primeiro lugar era necessária, na época. Ninguém contesta isso, tirando os elementos vinculados ao Partido Comunista ou de tendência de esquerda, etc., todo mundo sabia que o caos imperava no País. Tinha que ser feita alguma coisa e quem poderia fazê-lo eram as Forças Armadas. Foi feito. Até hoje, quando se aponta um militar, como o saudoso Andreazza e os presidentes, e se pergunta: Como terminaram a vida? Num apartamento modesto, não buscavam dinheiro, não tinham nada.

Então, o que lamento, sinceramente, é que a pressão da mídia, na sua maioria composta por esquerdistas-revanchistas, consiga mobilizar a opinião pública contra nós, embora, até hoje, não tenha atingido esse objetivo, pois, nas pesquisas que têm sido feitas, as Forças Armadas aparecem numa posição bastante privilegiada.

De qualquer maneira, o matraquear diário contra tudo e todos que participaram da Revolução vai minando a crença da população nas suas instituições armadas.

Esse é o grande risco que corremos. Alguns falam em desnecessidade ou em desaparelhamento das Forças Armadas, como acabei de ler esta semana, dizendo serem tropas ociosas. Isso revela um grau de absoluta ignorância. Essas tropas não estão ociosas, mas se preparando para defender o País e eles, que hoje as criticam.

Qual a sua mensagem final, para ficar gravada no Projeto História Oral do Exército na Revolução de 31 de março?

Eu diria aos companheiros da ativa que mantenham a chama do idealismo que sempre prevaleceu nas nossas Forças. O exemplo dos nossos chefes do passado e a crença de que o nosso País tem solução deve permanecer, independente do que fazem os que advogam o caos.

As Forças Armadas não deixarão que o nosso País vire pelo avesso, como não deixamos no passado.

****

É POSSÍVEL ENGANAR ALGUMAS PESSOAS TODO O TEMPO; IGUALMENTE É POSSÍVEL ENGANAR TODAS AS PESSOAS POR ALGUM TEMPO; MAS É IMPOSSÍVEL ENGANAR TODAS AS PESSOAS TODO O TEMPO. Abraham Lincoln.

##########

Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Veterano,
Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com);
Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br;
Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br;
Site do Núcleo Militar de Gramado/Rainha do Mar: www.nuclev.com;
Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE
- Delegacia Heróis de Guararapes: http://historiapatriota.blogspot.com